

***Novos caminhos pedagógicos, vitais e desejantes: sobre o I Simposio
Pedagogía Doctoral***

Jamile Borges da Silva¹

I Simposio sobre Pedagogía Doctoral en Educación.
Investigación, relatos y experiencias en la formación doctoral.

Ao longo desses 20 anos atuando como docente em Universidades públicas no Brasil, em Salvador-Ba, minha cidade de origem e de pertença, tenho enfrentado inúmeros desafios: políticos – como o atual golpe legislativo e judiciário que enfrenta meu país -, éticos, estéticos e epistemológicos. Mas, esses desafios, nem de longe abalaram a minha crença na possibilidade de construir um projeto de sociedade e de universidade assentados na lógica da inclusão e da acessibilidade de segmentos historicamente ausentes das políticas públicas e das instâncias decisórias do poder.

Ver estudantes se Empoderarem e se autorizarem como indivíduos instituintes – como pensava Castoriadis (2) : esse é o nosso maior desafio e também nossa ambição enquanto professores.

Para cumprir uma instância de investigação Pós-Doutoral junto a Universidade de Lisboa no período de junho de 2017 a maio de 2018, estou afastada das minhas funções na Universidade Federal da Bahia onde atuo na Faculdade de Educação – no campo das reflexões sobre currículo, formação docente e sua interface com as transformações sociotécnicas e também no Centro de Estudos Afro-Orientais onde trabalho como Pesquisadora Associada ao Programa Multidisciplinar de Estudos Étnicos e Africanos – POSAFRO, programa de Mestrado e Doutorado cujo eixo estruturante privilegia as relações e investigações no âmbito Sul-Sul .

Foi com intenção de ampliar minhas reflexões sobre o campo dos estudos decoloniais e formação docente que busquei o Centro de Investigaciones Multidisciplinarias em Educación da Universidad Nacional de Mar Del Plata onde encerrarei meu ano sabático esperando poder contribuir com as experiências e pesquisas realizadas no triângulo Brasil/Portugal/Argentina.

O encontro com essa 'Babel' de estudantes de diferentes partes do mundo revela que a alteridade, mais que um clichê antropológico, deve ser entendida como um convite a conviver com a diferença e o diferente.

Nesse périplo acadêmico, tenho buscado aproximação com aqueles colegas engajados no combate às diversas formas de opressão e exclusão levadas a cabo pelo projeto de globalização em curso nas sociedades modernas.

Aqui, me alio ao trabalho do sociólogo Boaventura Santos(3) ao fazer a crítica do sistema-mundo globalizado, propondo, junto com ativistas, intelectuais, mulheres e homens de diversos grupos étnicos, um projeto ambicioso e belo: contra o desperdício das experiências sociais buscar uma nova racionalidade: uma globalização contra hegemônica. Contra o epistemicídio de diversos discursos – dos movimentos sociais, dos índios, negros, mulheres, gays e lésbicas, propõe uma sociologia das emergências. Em suas próprias palavras: pensar de forma Pós-Abissal em favor dos saberes historicamente ausentes da tradição moderna e universitária. Para tal, advoga contra a monocultura do saber e propõe uma ECOLOGIA DOS SABERES.

Construir uma nova engenharia de laços sociais, este é o convite que faço a todos vocês meus interlocutores e interlocutoras: decolonizar o conhecimento, tecer redes colaborativas, instituir a generosidade como fundantes de uma outra era. Nesse sentido o chamado do Professor Boaventura Santos nos encoraja e inspira a não apenas vislumbrar, mas construir um futuro pleno de possibilidades plurais e concretas,

simultaneamente utópicas e realistas, onde todos os nossos sonhos serão possíveis.

Em nossa tradição intelectual universitária temos nos acostumados a gramática do saber legitimado (fin-de-siècle, belle époque, les temps perdus, etc...) como se fosse possível somente haver ciência na terra de Lévi-strauss e J.P. Sartre (ainda que nenhum dos dois tenha achado a menor graça no Brasil). Demoramos a entender esse mundo para além de nossos umbigos. Durante esses dias aqui em Mar Del Plata, o convívio com colegas de outras tradições epistêmicas ampliou consideravelmente meu horizonte argumentativo, ao tempo em que me forçou o desafio de fazer a síntese de tantas interrogações e reflexões que emergiram com resultado de uma conversação honesta intelectualmente e ética politicamente.

Ao longo do simpósio muitos termos apareceram: itinerários, emergência de sentidos, pedagogias vitais, coreografia da enseñanza, docentes memorables, aprendizajes biográficos, territórios, curiosidade, formación, emociones, artesanias e autoconocimiento entre tantos outros.

Muitas metáforas e analogias: atos performativos, atos de currículo, regentes de orquestra e dançarinos em corpo de baile, pontos de fuga. Uma filosofia do Arlequim se desejamos pensar como Michel Serres em sua Filosofia Mestiça. Autopoieses (Maturana & Varela) ou Sociopoética em etnométodos biográficos e narrativos para pensar a formação docente e a construção do conhecimento. Descubro que há mais de Paulo Freire ainda vivo em nossas trajetórias e isso me deixa feliz.

A coreografia da aprendizagem me faz pensar na Estética da Ginga(4), um desafio a ler a cidade em sua sinuosidade e entender as favelas brasileiras em sua estética singular, colaborativa e disruptiva. Supõe desmontar as hierarquias da dança canônica que tem um primeiro bailarino como protagonista (docente) e o resto do corpo de baile.

A dança entre tesistas e seus diretores de tese tendo

como cenário horizontes de campos abertos e o Jazz como acompanhamento sonoro. Abre espaço para os improvisos e imponderáveis sem abrir mão do rigor e da técnica de um Charlie Parker ou Dizzy Gillespie.

A sucessão de paisagens apresentadas durante as exposições - telas, obras de arte, registros filmicos, canções, revelam outros territórios, outros campos semânticos...dança num movimento entre o corpo e os corpus multirreferenciais.

Insinua e orienta uma mudança de perspectiva. De uma Egopolítica da produção do conhecimento para outra Geopolítica do afeto onde impera a distribuição igualitária de saberes e sentidos. Nesse grupo ninguém é guardião dos sentidos do texto como dizia Roland Barthes em Fragmentos de um discurso amoroso.

Este Simposio foi para mim como uma AVENTURA epistemológica, aqui compreendida como G. Simmel já descrevera: uma ruptura com a rotina da existência, uma aproximação ao sonho, à arte e ao jogo. Ela supera limites, ultrapassa obstáculos e desloca horizontes. A pesquisa na Pedagogia Doutoral é um desafio de imaginar os nossos países amanhã. Ampliar as fronteiras e os horizontes de produção do conhecimento. É um chamado a escapar das armadilhas conceituais, das artimanhas do presente e da nostalgia do passado colonial.

Mais ainda, nos convoca a produzir novas cartografias epistémicas sobre o espaço Sul-Sul. Reconhece que, assim como as pessoas, os conceitos também migram, se deslocam, exigindo de nós um esforço para mapear seu percurso histórico, sobretudo neste caso, em contextos decoloniais.

Assim como nós, alguns conceitos resistem, teimam em permanecer, às vezes, em estado de longa duração. Outras vezes, se revelam em estado de suspensão, epifenômenos e representação de um tempo. Ficam datados e, em certos casos, causam barulhos e constrangimentos, ruídos nem sempre fáceis de entender.

Como os sujeitos, alguns desses verbetes aqui

tratados possuem uma memória difícil de ser lembrada: colonialismo, assimilacionismo, escravidão, militarismo. São alguns dos verbetes que nos interrogam quanto ao futuro.

Há conceitos quentes e conceitos frios, verbetes que habitam a fronteira, o risco: raça, mestiçagem, língua, por exemplo.

Este encontro representou para mim a possibilidade de construção de novos verbetes, de “territórios-ponte” para o exercício, não do diálogo entre duas pessoas ou duas nações, mas para a conversação entre muitos colegas, pesquisadores acostumados ao convívio no terreno sempre minado de nossas certezas epistemológicas.

Outras dialogicidades...aqui, diálogo não significa escutar um ao outro, mas sujeitar-se em comum ao princípio igualitário de divisão dos bens da palavra, lembrando o já citado R. Barthes.

Nesse empreendimento teórico-político, as emoções, o afeto, são a anti-mercadoria revolucionária que combate o patriarcado capitalista. O afeto, é nossa mais-valia em outra economia simbólica, plena de desejo e Outridades.

Se admitimos que CONCLUIR é dar um destino a tudo o que foi dito, é dominar, possuir, assestar o sentido, digo que aqui nada é conclusivo. Esse texto é um convite a que novos sentidos se abram, novas interlocuções se ponham na arena dos signos, novas mãos tecam outros/novos caminhos pedagógicos, vitais e desejantes.

Notas

(1) Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia/ Brasil. Dra em Antropologia

(2) A Instituição Imaginária Da Sociedade, 1983.

(3) A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência, 2003.

(4) A estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Livro da arquiteta Paola Berenstein, professora da UFBA.

Fecha de Recepción: 28/03/2018
Primera Evaluación: 30/03/2018
Segunda Evaluación: 01/03/2018
Fecha de Aceptación: 04/04/2018